

PARTINDO DA UNIVERSIDADE À CONSTRUÇÃO DO GRUPO: UMA REFLEXÃO SOBRE O ESTUDO DE PRODUÇÃO CULTURAL EM UNIVERSIDADE.

Carlos Alberto Ferreira da Silva¹

RESUMO:

No Brasil, nas últimas décadas foi possível identificar um crescimento de Grupos Teatrais advindos de universidades. Porém, muitas destas universidades não dispõem de uma disciplina voltada para os estudos de *produção cultural*, o que dificulta a inserção desses artistas no campo profissional. Com isso, este artigo objetiva refletir acerca de uma disciplina que ajude a capacitar o processo formativo desses futuros profissionais, tomando como exemplos grupos oriundos de universidades, e que atualmente estão ganhando autonomia no mercado.

Palavras-chave: produção cultural, formação e grupo teatral.

A produção cultural é uma função que visa objetivar e oferecer um produto ou um serviço ao mercado como realização da gestão. É através do desencadeamento do trabalho do produtor, que os grupos artísticos possibilitarão de acesso à espaços cênicos para ensaios; à convocação de público (divulgação); à arrecadação de fundos para montagens de espetáculos; dentre outras atividades. Segundo Richard James Burgess (1997, p. 43), uma das principais características do produtor é a iniciativa, além disso, o autor também ressalta que o produtor é o responsável por assegurar e criar alternativas para a equipe de trabalho e estar diretamente inserido no processo criativo, ou seja, participar ativamente nos afazeres artísticos do grupo, de modo que, o profissional mobilize o funcionamento das atividades.

Para tanto, o fazer artístico em sua atual circunstância requer inúmeros recursos, que possam auxiliar na sobrevivência e na criação dos grupos artísticos. E garantir tais recursos, torna-se um dos primeiros desafios para os grupos. Silvia Fernandes (2011) ao analisar o processo inicial de formação de agrupamentos, por volta da década de 70, depara-se com um período de grande resqúicio político na conjuntura de uma ditadura militar, esses grupos faziam

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Artes Cênicas: Direção Teatral, Interpretação e Licenciatura – Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: carlosferreira1202@yahoo.com.br



a diferença, e também detinham a posse aos meios de produção do teatro, sendo assim, uma forma de sustento para o trabalho coletivo e manutenção dos grupos, e ainda uma maneira de:

[...] garantir a expressão de todos e a possibilidade de se reunir para falar de si e ouvir o outro, o desejo de levar aos amigos os próprios retalhos de história e de experimentar com eles outras possibilidades de cena e de vida, sem a obrigação de pesquisar linguagem ou de seguir cartilha ideológica. (FERNANDES, 2011, p.68)

Ainda segundo a autora, o pensamento e o fazer do artista não devem se romper aos limites do macro, isto é, de um pensamento obrigatório regido pelo governo, como ocorreu no período da repressão ditatorial, com a demolição e derrubamento de muitas universidades, com os movimentos sindicais, com os assassinatos de operários, de professores e de militares, em seus variados porões da tortura. Mas é a partir desses indicativos que pequenos núcleos de teatros formados por jovens inexperientes em termos de técnicas e repertório, iniciaram a prática artística. “São eles os responsáveis pela abertura, ainda tímida, de uma oposição teatral produtiva à situação de arrocho econômico e paralisia criativa” (FERNANDES, 2011, p. 68).

Torna-se possível identificar, que esses espaços, os quais os jovens buscaram e garantiram há 40 anos, hoje, são diferentes. Graças às universidades muitos artistas anualmente são formados nos estados brasileiros, assim, através desta explosão artística, muitos profissionais estão sendo sufocados pelo vasto número de formandos. Sendo assim, o significado da palavra *sufocar* é apresentado como um inchaço, presente no território destes novos acadêmicos, mas ainda sim, com poucos lugares de atuação. Porém, ao mesmo tempo, acredita-se que atualmente são apresentadas muitas oportunidades consideradas mais firmes do que no passado. Nesses últimos anos, uma série de fundos culturais é oferecida em diversos estados brasileiros para auxiliar novos artistas a iniciarem suas atividades artísticas. Como, por exemplo, recentemente, a Secretaria de Políticas Públicas, o Ministério da Cultura e o Governo Brasileiro, instituíram o Plano Nacional de Cultura - PNC, criando o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais – SNIIC, a **LEI Nº 12.343, DE DOIS DE DEZEMBRO DE 2010**, aprovado por dez anos, que visa os seguintes princípios:

I liberdade de expressão, criação e fruição; II - diversidade cultural; III - respeito aos direitos humanos; IV - direito de todos à arte e à cultura; V - direito à informação, à comunicação e à crítica cultural; VI - direito à memória e às tradições; VII - responsabilidade socioambiental; VIII - valorização da cultura como vetor do desenvolvimento sustentável; IX - democratização das instâncias de formulação das políticas culturais; X -

responsabilidade dos agentes públicos pela implementação das políticas culturais; XI - colaboração entre agentes públicos e privados para o desenvolvimento da economia da cultura; XII - participação e controle social na formulação e acompanhamento das políticas culturais. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2010, p.2)

Em vista disso, com a implementação do PNC, nota-se várias possibilidades que asseguram os variados campos artísticos presentes no território brasileiro. No Capítulo 3, do PNC, define algumas *Estratégias e Ações*, em que uma delas é garantir o trabalho de novos artistas e fomento de criação de projetos, bolsas e meios que garantem a produção artística.

3.4 Fomentar a produção artística e cultural brasileira, por meio do apoio à criação, registro, difusão e distribuição de obras, ampliando o reconhecimento da diversidade de expressões provenientes de todas as regiões do País.

3.4.1 Criar bolsas, programas e editais específicos que diversifiquem as ações de fomento às artes, estimulando sua presença nos espaços cotidianos de experiência cultural dos diferentes grupos da população e a promoção de novos artistas.

3.4.2 Fomentar e incentivar modelos de gestão eficientes que promovam o acesso às artes, ao aprimoramento e à pesquisa estética e que permitam o estabelecimento de grupos sustentáveis e autônomos de produção.

3.4.3 Fomentar o desenvolvimento das artes e expressões experimentais ou de caráter amador. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2010, p.25)

Mesmo com iniciativas governamentais e outras privadas, como são possíveis de relatar, por parte de inúmeras empresas que, ao longo do ano, disponibilizam recursos para criações de espetáculos, recitais, mostras, além de garantir o patrocínio e a estruturação de muitos grupos no Brasil. Ainda que tenha inúmeros recursos, é de suma importância a reflexão sobre o trabalho que há dentro das universidades, como o meio de formação para alunos da graduação em artes, pois é notável e se faz presente as variadas dificuldades que os profissionais da arte enfrentam, as quais se fazem possíveis de serem pontuadas, tais como: a dificuldade de iniciar uma carreira artística, quando não se tem um reconhecimento; a falta de espaço para alta produção cênica; os problemas com a área financeira; dentre numerosos problemas técnicos que necessitam do apoio da produção cultural como auxílio a este trabalho.

Diante das questões levantadas, nota-se a importância de levar tamanho conhecimento para o ensino de artes, de modo que, os cursos possam garantir e propiciar ao discente um primeiro contato com o processo de produção fora da universidade. Percebe-se que em muitos

cursos de artes, as grades curriculares possuem uma defasagem na área de produção, ou seja, a importância de uma disciplina que possa contribuir junto aos alunos, para que estes possam adquirir parâmetros, e assim, identificar as dificuldades no mercado artístico. Com isso, levanta-se a seguinte questão: qual a necessidade de uma disciplina de produção cultural?

É interessante perceber que cada vez mais, o campo das artes cênicas recorre a outras áreas, como por exemplo, as ciências exatas, que auxiliam nos trabalhos contábeis, fazendo que a classe artística desenvolva habilidades nesta área. Assim, uma disciplina que se volta para esses estudos, é de extrema relevância para os alunos no desenvolvimento do seu campo profissional. Vale ressaltar que algumas universidades já iniciaram discussões sobre produção cultural. O exemplo disso, é que a Universidade Federal de Ouro Preto, no curso de Artes Cênicas – Bacharelado em Direção Teatral e Interpretação, em que os alunos dessas duas modalidades possuem na grade curricular a disciplina de *Ética e Legislação*, uma matéria ministrada por um professor convidado da área do curso de Turismo, que relata sobre os modos de preparar um projeto cultural e apresenta alguns indicativos sobre captação de recursos, dentre outras funções que são voltadas para as imbricações em torno das atividades culturais. Além disso, outro fator diferencial presente nesta universidade, especificadamente, nos cursos de Artes Cênicas e Música, é a criação de uma *Empresa Júnior (EJ)*, a **MultiCultural** Produções Artísticas – Empresa Júnior de Artes Cênicas e Música da UFOP, primeira empresa júnior de Artes Cênicas no Brasil. As empresas junior são conhecidas por garantir, ao aluno da graduação, variadas possibilidades de promover uma experiência com o mercado, além de oferecer ao estudante um crescimento profissional, de modo que, através dessa agência, contribuir para o desenvolvimento e empreendedorismo não somente para os cursos envolvidos, mas também, para a região na qual a empresa estará implantada.

Outras universidades, como a Universidade de São Paulo - USP, também implantaram uma disciplina de *Produção Teatral* no curso de Artes Cênicas, na escola de comunicação e artes da USP, graças aos estudos e reflexões de pós-doutoramento da professora, pesquisadora e produtora Deolinda Catarina França de Vilhena. Em sua pesquisa, a autora ressalta que a produção é um dos assuntos menos estudados nos cursos de Artes no Brasil, e como isso, relata a urgência de “um estudo sistemático dos métodos possíveis, bem como o conhecimento das regras sociais, fiscais, econômicas e culturais, que permitam aos que trabalham em teatro, fazer escolhas com maior clareza”. (FRANÇA DE VILHENA, 2009, p. 1-2).

Na Universidade Federal da Bahia, o curso de teatro oferece duas disciplinas, *Produção Teatral* e *Economia da Cultura*, essa iniciativa possibilita o suprimento de uma lacuna presente sobre a produção, além de criar “uma base de reflexão sobre a complexidade dos processos criativos/produtivos teatrais, gerando conhecimentos que possam contribuir, ainda que em

escalas diferentes, para o movimento teatral universitário da própria cidade e do país”. (FRANÇA DE VILHENA, 2009, p. 6).

Pode-se presumir que tais iniciativas contribuirão não somente para o trabalho dos futuros profissionais no mercado, mas principalmente como um ato inicial de relação e ingresso no trabalho profissional. Para relatar e exemplificar tamanha relação com o mercado e a produção, faz-se necessário apresentar alguns grupos teatrais, que tiveram avanços e continuidade após o processo de graduação.

O Trabalho de Grupos Teatrais providos das Universidades

A valorização do processo de criação está altamente ligada e associada ao final do século XIX, com o nascimento do teatro moderno. De acordo com Jean-Jacques Roubine (1998) nos últimos anos desse século ocorreram dois importantes fenômenos, que resultou em uma revolução tecnológica, de tal significância decisiva para a evolução do espetáculo, sendo a primeira o surgimento da figura do Diretor, e em segundo foram descobertos os recursos da iluminação elétrica.

Já no século XX, Roubine apresenta outro importante elemento para a arte da encenação.

Em resumo, no início do século XX a arte da encenação exigia o apoio de um bom texto. Quanto à arte de representar, ela utilizava, aperfeiçoava e inventava técnicas, cada uma das quais era um meio de visualizar, materializar, encarnar uma ação, situações, personagens, tudo quanto fora previamente imaginado por um escritor. (ROUBINE, 1998, 47)

Tais elementos apresentados foram importantes para a renovação da arte teatral no território brasileiro, pois baseados nesses indicativos que, a partir da década de 70, muitos agrupamentos iniciaram o processo de formação de grupos, através de estudantes recém-saídos de cursos teatrais. Movidos por este elo universitário, serão apresentados exemplos de trabalhos advindos de universidades e que seus trabalhos tornaram-se relevantes para o cenário teatral brasileiro. Resultante de importantes encontros entre a universidade e o campo de atuação profissional, sendo assim, dentre muitos grupos brasileiros vindos de universidades, o presente trabalho se atentará para dois grupos mineiros na tentativa de alastrar e expandir os estudos e reflexões sobre a produção cultural.

Em Minas Gerais é possível encontrar importantes relações entre alunos que saem da graduação, que formam seus grupos, além de autogerirem, assim, nos últimos anos, o teatro mineiro vem passando por transformações e avanços, de acordo com Nina Caetano,

Esse contexto se deve em parte à criação, na região, de curso de graduação em teatro – Direção e Interpretação Teatral, além da Licenciatura em Artes Cênicas, na UFOP, e Interpretação Teatral e Licenciatura em Teatro, na UFMG – e a consolidação de encontros e festivais importantes na área de artes cênicas, como o Encontro Mundial das Artes Cênicas – ECUM, o FIT-BH, o Festival Internacional de Dança, a Manifestação Internacional de Performance – MIP, entre outros; [...]. (CAETANO, 2010, p. 7)

Dentro desse cenário mineiro, dois grupos se destacam, sendo eles: o Grupo Teatro Invertido de Belo Horizonte e o Grupo Bravata de Ouro Preto, extraído das universidades, sendo o primeiro da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, e o segundo, da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, visto que seus trabalhos, a cada ano, ganham maior reconhecimento no mercado profissional do teatro.

Com a influência e o diálogo entre artistas, a produção teatral ganha mais espaço através dos incentivos oriundos de cursos e projetos, que dão origem a novos grupos de pesquisas artísticas. Assim, em 2004, surgiu o Grupo Teatro Invertido com o principal objetivo de aprofundar a pesquisa em treinamento do ator e criação cênica iniciada por seus integrantes que faziam parte do grupo de pesquisa-prática em Atuação – GRUPA, coordenado pela professora Bya Braga, ainda no curso de graduação em Teatro da UFMG. Desde o início da trajetória, o grupo busca compreensão crítica do trabalho teatral que gera uma autonomia com o processo de criação e construção dos trabalhos. Desta forma, a cada montagem o grupo reafirma seus interesses pela investigação artística e pela colaboração, tendo como princípio ético o trabalho criativo. Além disso, um dos seus princípios é a busca da função social no teatro e sua comunicação com o espectador, essas são as principais motivações dos processos criativos do grupo. Esse grupo também desenvolveu nos últimos anos “projetos de investigação e criação cênica que culminaram na construção de cinco espetáculos, de cinco dramaturgias originais, todas produzidas em processos colaborativos: *Nossa Pequena Mahagonny* (2003), *Lugar Cativo* (2004), *Medeia zonamorta* (2006), *Proibido Retornar* (2009) e *Estado de Como* (2010)”. (CAETANO, 2010, p. 8). Com isso, a filosofia do Teatro Invertido cumpre um caminho consciente, pois seus trabalhos agregam uma linguagem multifacetária utilizando-se de recursos da *performance* e da instalação. Com esses parâmetros o grupo vem ganhando espaço com o mercado artístico, o que gera uma potencialidade na construção do texto e da cena. “Suas estruturas organizacionais incluem uma sede, a pesquisa e a criação de espetáculos, além de

uma capacidade incrível para articular apoios e patrocínios e desdobrar suas realizações em projetos extensivos à comunidade ou em níveis interestaduais e internacionais, retroalimentando suas bases criativas”. (SANTOS, 2010, p. 87).

Já o Grupo Bravata, integrado por artistas de Ouro Preto pesquisam e experimentam o teatro juntamente com elementos musicais. Criado em 2010, em função do espetáculo *O Minto dos Labdácias: Antígona*, que trata de uma reescrita de *Antígone* de Sófocles, que busca uma narrativa de caráter tragicômico em diálogo direto com a estética de representação do bufão moderno. Mesmo esse grupo com características tão recentes, se faz presente em alguns importantes festivais do Brasil, tais como, o Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana (2011); Festival Nacional de Teatro de Juiz de Fora; além de algumas apresentações na cidade de São Paulo, promovida pela Universidade Estadual Paulista. Mesmo com pouca experiência, esse grupo nutre um desejo pelo fazer artístico, o que o caracteriza como um grupo importante, que almeja iniciar um processo de valorização e busca em suas produções cênicas. Assim, alguns dos trabalhos foram contemplados por leis de fomento e patrocínios.

Portanto, ao pensar em processo de produção cultural é notório que esta discussão mereça um olhar aprofundado, pois os alunos ao ingressarem no mercado encontram dificuldades na produção de seus trabalhos. É importante que haja mais iniciativas das universidades em abordar essa disciplina tão necessária para a formação de um artista profissional. Para tanto, os grupos mencionados providos do ensino superior são exemplos de possibilidades positivas que abarcam esse pensamento peculiar da produção cultural, visto que, o trabalho de produção requer de muita insistência e dedicação, uma vez que, conseguir patrocínio, aprovação em lei de incentivo, conseguir espaços para apresentações, dentre tantas outras funções mencionadas, necessitam de um profissional especializado em produção cultural, sendo essa, uma figura imprescindível para viabilizar o diálogo entre a arte e o mercado. Assim, a importância dos grupos teatrais, principalmente os que derivam da graduação ter a figura do produtor, como responsável em conhecer e utilizar da economia, dos cálculos e da estatística, em ser um gestor, traçar alternativas para o desenvolvimento do grupo, além de planejar e delinear metas para a realização das atividades também contribui em prol do bem cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. *Plano Nacional de Cultura (2010)*. Constituição (1988). Brasília: Ministério da Cultura. Disponível em <<http://www.cultura.gov.br/site/categoria/politicas/plano-nacional-de-cultura/>>. Página consultada em 04/04/2012.

BURGESS, R.J. *A arte de produzir música*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1997.

FERNANDES, S. *Grupos de teatro nos anos 1970*. In: Próximo ato: teatro de grupo / organização Antônio Araújo, José Fernando Peixoto de Azevedo e Maria Tendlau. – São Paulo: Itaú Cultural, 2011.

FRANÇA DE VILHENA, D. C. *Produção Teatral: da prática à teoria a sistematização de uma disciplina*. In: V ENECULT - QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2009, Salvador.

GRUPO TEATRO INVERTIDO. *Cena Invertida: dramaturgias em processo*. Belo Horizonte, MG: Edição CPMT, 2010.

ROUBINE, Jean-Jacques. *A linguagem da encenação teatral*. Trad. Yan Michalski. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, V. *Alteridade e novos grupos na década de 2000*. In: Próximo ato: teatro de grupo / organização Antônio Araújo, José Fernando Peixoto de Azevedo e Maria Tendlau. – São Paulo: Itaú Cultural, 2011.

VALE, Flavia Janiaski. *Produção e gestão no teatro de grupo como projeto de construção de autonomia*. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.